

RelevO

outubro/2023, n. 02, a. 14

• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010

• ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

A capa e a contracapa desta edição é de **Albert Robida** (1848–1926) intitulada “**A saída da ópera no ano 2000**”, realizada por volta de 1902. As demais ilustrações internas são de **IA** via **dall-e**.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 70 Juliano Nunes; Mírian Freitas; Astrogildo Arantes; Jéssica Silva; Adriano Wintter; Carla Mutuano; Benilson Toniolo; Alessandrus Miranda; Alcemir Emmanuel; Natalia Von Rondow; Luiz Henrique Gurgel; Thalles Tadeu; Renata Marinho; Junior Henrique Pereira; Mírian Freitas; Mariana Zambon; Ronaldo Duarte; Anélia Pietrani; Ana Paula Ferreira; Eduardo Pereira; Gusthavo Cabral; André Luiz Dias de Carvalho; Bruno Ferreira; Gabrielle Koster; Vinicius Maurer; Morgana Rech; Alexandre Brandão; Elaine D. Rodrigues da Silva; Daniel Derevecki; Rodolfo Mondoni; Henrique Fendrich; Stephanie Urbano; Fernanda Dante; Pedro Ramos Martins; Matheus Dias; Gilberto Bazarello; Fabiana Carla de Oliveira; Diego Lautert; Diego Fernandes Moreira; Adriana Baggio; Verônica Ramalho Nunes; Michel Hulmann; Clauco Santana; Rafael Antunes; Leandro Grácia; Rodrigo Madeira; Maria Eugênia Moreira; Guímel Bilac; Bernardo Antônio Beledeli Perin; R\$ 75 Paulo Ricck; R\$ 80 Rômulo Cardoso; R\$ 100 Banca Vera; R\$ 105 Thaís Campolina Martins; Eliezer Moreira; João Jasco; Larissa Olsen; Marcelo Almeida; Janaína Nocera; Lorena Cunha; R\$ 140 Eliza Serpa; Roney Gomes; Carlo Fabrizio Braga; Thamires Pratt; Marcelo Salles; Alexandre Soulza; Eduardo Martins; Alexandre de Souza; Marco Aurélio de Souza; Emerson Penha; Jessica Grossi; Gabriel Lopes; Thiago Aguiar Rodrigues; Ana Righi Cenci; Renato Bueloni Ferreira; Tamiris Tinti Volcean; Paulo Adolfo Barboza Freitas; R\$ 210 Saul Cabral Gomes Júnior; Úrsula Antunes R\$ 70.

TOTAL: R\$ 7.080

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 50 Gato Preto Livros; R\$ 70 Flesch Notes; R\$ 140 Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 200 Editora Penalux; Flávio Sanso; R\$ 1.000 Utopia Tropical.

TOTAL: R\$ 1.690

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1.300
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60
Colaboradores de agosto: R\$ 540

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 2.915

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 8.770**

(-) Saídas totais: **R\$ 9.230**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 460**

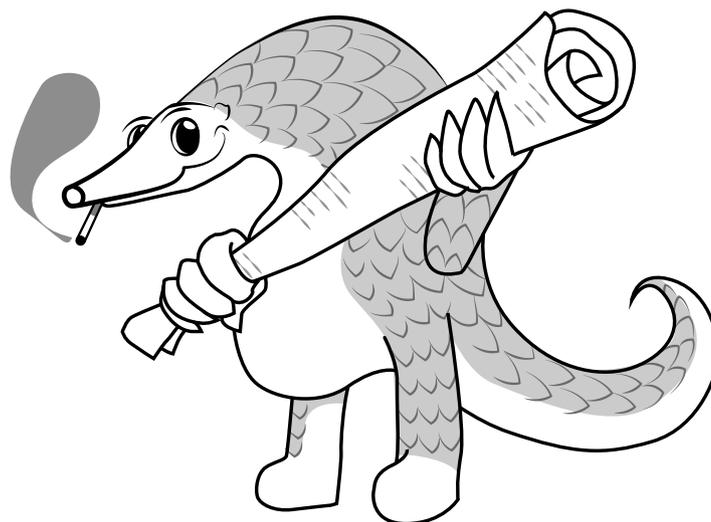
Outubro/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 29 de setembro de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

SINCERIDADE

Marco Santos Chegou o exemplar prometido do Jornal, e eu achei que os textos seriam melhores...

Marcelo Ferreira Ribas Um comentário sobre o editorial de setembro. Caro editor: vida longa ao **RelevO**, jornal do qual espero ansioso a chegada de cada edição para devorá-lo deliciosamente. Que conteúdo! Com ele rio, reflito e até me emociono; arrisco dizer que me dá um colorido especial ao ordinário da vida. Que comemoremos ainda muitos anos de existência do periódico! Mas bem sei que não é só de sonhos que nos movemos (ou de “motivos não necessariamente nobres” ou “(falta de) propósito mais elevado”, como diz o editorial de setembro), afinal, há as famigeradas contas a pagar que não nos dão descanso. A realidade bate à porta, os boletos estão aí e sem grana (ou com dinheiro apertado) as coisas ficam difíceis. Toda vez que leio o editorial sinto uma pontada no coração por ficar sabendo dos perrengues mensais que o pessoal do nosso querido jornal passa para manter o projeto em pé. Mas a paráfrase de Leminski me quebrou as pernas. Ao ler “isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar ao buraco” eu chorei de rir, mas com respeito. É porque aqui em Londrina, sempre que vou à UEL, acabo lendo a frase original que foi criativamente pintada nos degraus de uma escadaria do CLCH, coisa do pessoal de Humanas. Agora nunca mais vou lê-la da mesma forma haha, bom demais! Mas à parte o humor, espero muito que as coisas melhorem. Contem comigo, leitor, assinante e divulgador aqui! Um forte abraço.

Vanderlei Neves Bom dia. Tudo certo por aqui. E por aí, pessoal? Sim, chegou o exemplar. Muito obrigado! Vocês fazem um trabalho incrível! Forte abraço.

Raquel Valedorio Olá, Jornal! Bom dia! Gostaria de fazer um comentário para ir na sessão de cartas. Conheci o periódico pela página do Pacote de Textos no Instagram (ótima página inclusive). Desde quando eu comprei, já foi uma satisfação ler desde o primeiro periódico recebido, o Jornal é incrível, com muita referência, muitos textos inteligentes e divertidos. Obrigada por democratizar o acesso à cultura literária! Contem comigo para a divulgação e irei renovar a assinatura com certeza!

Anny Castro Jornal, bom dia! Sim, recebi o exemplar! Preciso dizer o quanto o trabalho de vocês é maravilhoso! Simplesmente encantada. Obrigada pelo envio!

POEMA CHOCOLATEIRO

Helder Paraná Do Coutto Sou poeta. E o chocolate, hein? Por em relevo um chocolate De uma Utopia Tropical Personalizada em disparate Com bela embalagem e coisa e tal... Medalhado acepipe a Nova Iorque Que em Curitiba se encontraram As tocantinenses sementes em torque Nas ideias que em relevo sublimaram E as inauditas vozes festejaram A prevenir a trombose e melhorar o humor Prevenir o diabetes, o câncer e a demência E regular o colesterol... Pode-se esperar melhor ciência em seu jornal Que regular o intestino, diminuir as inflamações Controlar o peso e reduzir a pressão arterial? Evitar a anemia, as alergias, o envelhecimento Com esse saudável jornalístico expediente Que vos evita todo o padecimento E vos previne que fiquéis doente.

Dan Porto Alô, RelevO. Coisinhas para pensarmos aqui, e não publicar, até porque só as cartas de treta é que são engraçadas! 1. Proposta mais que decente: acho que as palavras-cruzadas precisam ser fixas (tenho ideias), elaboradas por este que vos escreve, patrocinadas por algum distribuidor aqui de CWB, como a Mitiko (dos HQ's, por exemplo), 50% (Dan)-50% (RelevO). O que pensam? Vamos negociar? 2. Mande orientações para pagar a renovaçãozinha! 3. Publiquem aquelas cartas de treta, que o editor inventa, claro. São as melhores. Ainda mais quando seguem com respostas. (Isso pode publicar, com PROPOSTA DECENTE no item 1 e QUESTÕES FINANCEIRAS no item 2). :) Abraços.

Diego Fernandes Moreira Boa tarde, Jornal. Sim, chegaram dois exemplares. Já tinha pego uma edição do periódico no ano passado, se eu não me engano, na Matilha Cultural. Adorei a ironia afiada de alguns textos. Sigo acompanhando. A situação está apertada pra mim ultimamente, mas, pelo apreço que tive ao material, gostaria, sim, de contribuir... Gasto dinheiro com tanta porcária por aí, por que não gastar um troco com um “trabalho de gosto duvidoso”? Contem comigo. Grande abraço.

UM DIÁLOGO

Maria Luiza Belém Bom dia! Tenho uma pequena história para publicar.

Jornal RelevO *Tudo bem, Maria? Seu email veio sem o anexo. Abraços!*

OLHAÍ!

Thiago T. Olá, Jornal! Sim, chegou sim o exemplar, obrigado por perguntar. E parabéns pelo trabalho, o jornal, além da qualidade do conteúdo, é bem bonito. Abraços

EX

Beatriz Polycarpo Oi, queridos! Sobre o jornal que enviaram: infelizmente está com minha ex. Estava morando com ela no Rio de Janeiro, mas a convivência se tornou impossível e retornei pra São Paulo. Algumas semanas depois, o material chegou na casa dela 😞 Achei que chegaria antes de eu viajar, estava com a cabeça tão cheia que nem me lembrei. Ela vai me enviar assim que possível, pois ainda tem um item ou outro meu com ela. Vou tirar um tempo pra ler as atualizações de vocês pelas redes 😊 Muito obrigada pelo carinho e atenção.

ENCLAVE DO VAMPIRO

Luiz Henrique Rapaz! Bom dia. Maravilhosa essa crônica/resenha de *Ho-ba-la-lá*. Entusiasmei porque volta e meia tenho ciclos de amor auditivo com o vampiro. Agora por exemplo, estou na fase do João Gilberto de 1973 (olha só! agora que notei que o disco tá fazendo 50 anos!), se disco do YouTube furasse... (infelizmente não tenho Spotify). Vou baixar imediatamente esse livro, sobre o qual lembro apenas de alguma repercussão na época do lançamento, se a memória não me engana (mas vou tentar achar um piratinha). Um grande abraço!

Ana Márcia Cordeiro Boa tarde! Tudo bem? Acabei de receber a edição mais recente do Jornal. Gostei especialmente do texto sobre o “super-computador torradeira” e “Lolitas de Nabokubrik”.

José Luiz Bom dia, Jornal! Admiro o trabalho e a perseverança de vocês e estou planejando assinar, já há algum tempo, mas por conta de pequenos déficits financeiros, tive de adiar meu desejo... Estou planejando-me para contribuir a partir do próximo mês. O trabalho é sublime.

QR CODE

Paulo Ricck Cara... Façam um QR Code e encaminhem junto com o

Jornal pra renovar a assinatura. E escrevam algo tipo: SUA ASSINATURA VENCE NO MÊS XXX. CASO QUEIRA CONTINUAR CONOSCO, FAÇA O PIX DE R\$XXX PELO QR CODE E NOS ENCAMINHE O COMPROVANTE. E outra. O site do Allejo, lá do anúncio, não entra nem a pau. O que pode ser? Tô desde a faculdade querendo ver o que tem naquele site, mas não entra hahahah. Ah, sei que é tenso por questão de direitos autorais pra vocês e tal, mas se puderem colocar uma tirinha, pô, eu ia curtir demais. Aquelas tipo Mafalda Calvin, que a gente tinha pavor na faculdade... Aquelas tirinhas eram dose porque sempre vinha acompanhado de alguma questão fudida. Fazem falta nos dias atuais.

Bianca Garcia Sinônimo de alegria: o carteiro trazendo o **RelevO**. Na edição de setembro, tive o enorme prazer em contribuir com três poemas do meu livro *breve ato de descascar laranjas* (macabéa; 7letras, 2023). Obrigada, pessoal, pelo espaço e por lançar no mundo, mensalmente, um jornal tão bonito e necessário para a disseminação da literatura brasileira escrita por independentes.

Eli Carrias Lindo como sempre.

Luiz Henrique Gurgel Que linda edição! Ilustrações maravilhosas! Parabéns, gente! Muito honrado estar aí.

Dom Valdir Backmann Parabéns. Estou ansioso em receber o meu exemplar. Quando chega, eu já leio e releio. Parabéns a toda equipe.

Rodrigo Sliva Marins Uau que lindo este jornal! Maneiração cheia de poetas!

Mirian Gomes de Freitas Obrigada pela publicação de “O pão de centeio de Oscar Wilde” na página 19 desta linda edição de setembro! Sinto-me honrada! Sucesso ao Jornal!

Felipe Gollnick Há 172 edições chocando a sociedade ininterruptamente!

CUIDADO, COPENHAGEN!

Leo Barroso Perderam completamente a essência com o novo chocolate. Abandonaram o movimento literário por uma aposta mercadológica e comercial. Estou muito desapontado. No mais, vou adquirir o chocolate...

Mateus Senna Jornais literários se transformando em loja de chocolate para alimentar a mamata dos poderosos marajás.

Sonho de uma noite de cacau

APOIADORES



Conforme antecipamos a quem nos assina no Substack, estamos fazendo um chocolate. Entre tantas piadas, absurdos e asneiras já publicadas neste espaço, essa é seríssima.

“Fazer um chocolate”, na verdade, não é a descrição justa: estamos vendendo um chocolate. Obviamente, não temos a capacidade de *fazer* um chocolate, ou ao menos um que teríamos coragem de comercializar. Trata-se de um produto da Utopia Tropical, aqui de Curitiba, com a nossa embalagem. Uma bela embalagem, por sinal, desenhada pelo amigo Bolívar Escobar, num belíssimo chocolate (72% cacau, medalha de prata na International Chocolate Awards de 2023).

O lançamento culminará num evento aberto ao público, também em Curitiba. Teremos música, chopp, drinks, ecobags, carimbos, Edição de Colecionador, etc. Se você ler a tempo, está plenamente convidado, com ou sem chocolate. Os detalhes estão logo abaixo, e qualquer um pode reservar sua(s) barra(s) desde já.

Aos poucos, extrapolamos a esfera do papel para cavucar outros delírios. O chocolate e o evento serão um ótimo teste para entendermos os limites da nossa comunidade e da nossa capacidade de mobilizar nossos assinantes – aqueles que, mês após mês, ano após ano, permitem a existência do Jornal.

Trata-se de um desafio, de uma fuga da zona de conforto e, por isso mesmo, também uma oportunidade. Estamos animados e com algum frio na barriga. Gostaríamos de não fracassar (diante da nossa estimativa modesta de sucesso e fracasso) e temos pessoas muito competentes nos auxiliando.

Se você quiser apoiar este ou outros delírios, considere comprar nosso chocolate – que é, sem sombra de dúvidas, muito bom e muito bonito – e/ou comparecer à nossa festa. Queremos proporcionar uma tarde agradável e uma noite promissora. Para tanto, prometemos nos esforçar. Também nos assine ou siga nos assinando. Seguimos na sina de ser jornal e de papel, acompanhando um café da manhã, um tablete de chocolate na mesa.

RelevOFest

Data: 07/10, a partir de 14h.

Local: SFCO179 (Rua São Francisco, 179, Centro, Curitiba-PR).

Reserva de chocolate: contato@jornalrelevo.com ou Instagram do Jornal (@jornalrelevo).

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Amanda Vital

OMBUDSWOMAN 10: otimismo

De: julia_escritoriodeadvogadocom-sobrenomeitaliano@hotmail.com

Para: claudia_editoradenomemuitocool@gmail.com

Assunto: Um favorzinho de amiga! rs

Oi, Claudinhaaaaa! Tudo bem, meu amor?

Aqui é a Júlia, lembra de mim? A galera me chamava de “Julinha Melancia”, estudei com você no Ensino Médio! Eu gostava demais de você, sempre admirei muito sua inteligência e dedicação! Fiquei sabendo que você é editora de livros agora, muito chique, viu? Imagina só, a menina que nunca ia nos churras no Terceirão para ficar em casa estudando, floresceu e virou editora! Eu fiquei surpresa que você não virou diplomata, achei que ia ver minha amiga Claudinha em uma embaixada hoje em dia! Mas a vida tem dessas coisas, né? Fico feliz que você tenha se descoberto na sua área! Nada é por acaso!

Bom, agora vamos às minhas novidades: eu fui para o Direito mesmo, descobri que a advocacia é minha paixão! Trabalho no escritório do meu pai, você chegou a conhecer ele, né? Eu levava muitas meninas lá da sala pra casa depois da aula, certezaaaa que você tava nesse meio também!!! rrsrs, segui os passos da família, tenho um legado para manter por ser filha única, né? Mas claro, sempre com muito suor e muuuito trabalho! Nunca foi fácil, sempre foi Deus, a gente sabe como é árdua a caminhada, né?

Claudinha, adivinha só... me descobri poetisa! Acredita que um amigo meu do escritório leu os textos de motivação que eu publico no meu Insta e me falou que eu dava jeito para a escrita também? Imagina, logo eu que odiava literatura e redação! rrsrs. Aí ele me encorajou a mandar algumas poesias para publicar e eu lembrei da minha amiga tão querida que trabalha na área! Tenho que comprar alguns

livros da sua editora, eu li alguns livros, mas são mais best-seller mesmo, confesso que não sou grande leitora, você lembra, né? Mas agora que ele plantou essa sementinha na minha cabeça, eu preciso regar, né? Se não não floresce, você que é empreendedora acima de editora, sabe como é!

Linda, então eu estou te mandando o meu livro lindo, meu orgulho! Bati-zei o meu filhote de *Flores da Julinha*, achei o nome muito delicado! Minhas poesias são mais positivas, para dar um tom de otimismo entre os livros que eu vi que você tem publicado, que são um pouquinho mais pro sombrio e pro triste, né? Fiquei até um pouco preocupada e quis juntar o útil ao agradável, pensei que eu poderia trazer uma gotinha de felicidade e otimismo para minha querida amiga Claudinha! Pra trabalhar com um sorriso no rosto! Você vai gostar muito do meu livro!

Ah, aí entra a parte do favorzinho: eu tô totalmente lisaaaa no momento! rs Será que você pode cogitar a publicação gratuita? Sei que muitas editoras fazem isso, então por favooooor! Quebra essa pra gente? Vou ficar te aguardando!

Um beijo grandeee, minha flor, podíamos combinar alguma coisinha, né? Eu gosto muito de ir pro Villa Mix! Podíamos combinar uma baladinha um dia desses, imagina eu ver a minha amigona Claudinha de vestido e salto pela primeira vez! Hahaha, babadooooo!

Anexos:

original-floresdajulinha.docx
foto-eu-linda-na-praia.jpg
orelha-do-meu-unico-amigo-minimamente-intelectual.docx
imagem-horrenda-e-minúscula-toda-pixelizada-para-colocar-na-capa.jpg

Enviado do meu iPhone

De: claudia_editoradenomemuitocool@gmail.com

Para: julia_escritoriodeadvogadocom-sobrenomeitaliano@hotmail.com

Assunto: RE: Um favorzinho de amiga! Rs

Oi, Júlia, tudo bem?

Que surpresa em ter você escrevendo para mim, na verdade... Acho que a última recordação que eu tenho é de você sabotando o meu caderno. Mas bom saber que está tudo bem.

Peço imensas desculpas, mas depois de uma leitura cuidadosa e atenta, não vai ser possível publicar o seu original. Seu livro tem uma proposta diferente do que a gente costuma publicar e pode não funcionar com o nosso catálogo, com a nossa linha editorial e com o nosso círculo de leitores mais fieis.

Mas estou à disposição para sugerir outras editoras — ou até mesmo uma gráfica, para você fazer alguma edição do autor, se for da sua vontade.

Tudo de bom para você e para o seu livro.

Atenciosamente,
Cláudia

De: julia_escritoriodeadvogadocom-sobrenomeitaliano@hotmail.com

Para: claudia_editoradenomemuitocool@gmail.com

Assunto: RE: RE: Um favorzinho de amiga! rs

Nossa, Claudinha!!! Inacreditável a grosseria da sua resposta! Te escrevi uma mensagem toda atenciosa e você me veio com essa? Você se tornou uma pessoa muito amarga e tá puxando sua editora pro buraco junto com você, viu??? Grossa, mesmo!!!

Ah, querida!!! rs Sinto muito dizer, mas você perdeu uma excelente oportunidade de publicar uma poetisa

promissora! Quando eu for internacionalmente conhecida (e vou ser, porque sou uma pessoa muito focada, e guardo rancor, viu? rrsrs), você vai se arrepender de ter recusado meu livro por motivos pessoais que só existem na sua cabeça!!! Eu e as meninas éramos pessoas sempre super abertas para amizades, você é que se excluía quando a gente fazia uma piadinha ou outra totalmente inofensiva! Era divertido, você é que não ria com a gente!

Agora era só o que faltava! rs Deitar a lenha nas minhas poesias! Sabe quantos seguidores eu tenho no Insta??? Eu tava te fazendo um FAVOR, te proporcionando materiais ótimos para você publicar coisas mais bonitas nessa editorazinha mequetrefê que só publica autores que ninguém nunca ouviu falar, rs! E eu achando que eu é que estava te pedindo um favor, descobri que você publica os livros de graça! E a capa, poxa, eu mandei praticamente pronta para você, a imagem estava anexa, era só apagar a marca d'água, colocar na capa e mandar imprimir!!! Não tem trabalho mais fácil do que o seu!

Eu sou uma possível cliente que ia te dar livros novos todo o ano, ENORMES inclusive, e é assim que você me trata? Ridícula! Espero que vá a falência!

Enviado do meu iPhone

De: claudia_editoradenomemuitocool@gmail.com

Para: julia_escritoriodeadvogadocom-sobrenomeitaliano@hotmail.com

Assunto: RE: RE: RE: Um favorzinho de amiga! Rs

Júlia, por favor, não me escreva novamente.

Atenciosamente,
Cláudia



QUESTÃO DE VESTIBULAR

Analise os versos do poema “Não é nada”, de Augusto Brochado, e assinale a alternativa que melhor descreve o desejo expresso por seu eu-lírico:

“Um poema que nada não diga
E seja o contrário do que parece
Que inverta o sentido atribuído
Ao verso que já se esquece
Um poema que sirva apenas
Pra confundir os vestibulandos
E fazer rir ou chorar ou fugir
Aos professores e aos arcanjos”

a) No poema, vê-se que o eu-lírico prefere traficantes a professores, por isso o seu elogio ao vazio como valor fundamental. A hipótese se reforça na medida em que o poeta faz referência à confusão mental dos estudantes, o que tradicionalmente se alcança por meio de drogas lícitas e ilícitas como o cigarro, o Benflogin, a Benzina, a cola de sapateiro, a heroína, os opióides em geral, os psicotrópicos, o haxixe, o crack, a maconha (seja ela prensada ou medicinal), a Fluoxetina e até mesmo o álcool, seja ele ingerido em sua forma pura ou ainda através de receitas populares entre a juventude, a exemplo do famoso Capetinha Ejaculante, drink baseado na mistura de vodka, energético de pimenta e leite condensado sem lactose, que se tornou uma epidemia na noite paulistana. Em síntese, o desejo expresso pelo eu-lírico é, fundamentalmente, o de usar entorpecentes.

b) Poema de vanguarda, o eu-lírico de “Não é nada” expressa o desejo do poeta Augusto Brochado de ter sua genialidade reconhecida e sua poesia incorporada aos manuais de ensino, compreendendo a veiculação de suas obras em provas vestibulares como o ápice deste movimento de infiltração gramsciana ao cânone pedagógico e ao mercado editorial. Trata-se de um poema panfletário, mas não político, que ecoa a fórmula crítica elaborada pelo formalista russo Tugurov Putan: “o cotidiano é panfleto”.

c) Uma vez que o poema não quer dizer nada, o desejo expresso pelo seu eu-lírico é nulo, do que resulta o atrito semântico entre o espiritualismo budista de seu autor, que dá o tom de todo o poemário “Suck my tongue”, e o vocábulo “arcanjos”, que aparece ao final do poema e nos remete à tradição cristã enraizada na cultura popular do país. O confronto entre diferentes vertentes espirituais expressa, portanto, a incapacidade humana de superar a intolerância e as guerras religiosas, a exemplo dos recentes comentários proferidos pelo Pastor Saradaço, apóstolo vitalício na Igreja Deus é Força – Box D’Deus, em seu culto de Natal, investigado recentemente por CPI do Senado.

d) A inversão sintática do primeiro verso, “Um poema que NADA não diga”, expressa claramente o desejo do eu-lírico de dizer tudo, iluminando todas as questões humanas e não-humanas da existência. O segundo verso, porém, dá sequência ao que foi dito orientando claramente o leitor para uma nova inversão, desta vez de ordem semântica, sugerindo que o poema deva significar “o contrário do que parece” e voltando, portanto, a expressar o nada negado pelo verso anterior. Trata-se, portanto, de um poema que joga com as antinomias e evoca a polarização política do Brasil contemporâneo, sem descuidar dos elementos estéticos altamente alienantes já presentes em obras anteriores do poeta Brochado.

e) TODAS as alternativas estão erradas, o que gera um paradoxo na questão e, conseqüentemente, impele os vestibulandos do curso de Medicina a pedirem a anulação desta questão, o que concretiza o desejo expresso pelo eu-lírico do poema, transformando seu leitor em mera marionete de seus caprichos narcisistas, uma vez que incapaz de alcançar algum distanciamento crítico em sua análise literária de “Não é nada”. O poema busca, portanto, denunciar o analfabetismo funcional que impera entre os brasileiros de todas as vertentes ideológicas.



O amor

Publicado originalmente em ocaoengarrafado.com.br.

A Céline Dion tem uma música que diz que o amor pode mover montanhas. Com todo respeito, eu acho que a Céline errou. O amor é muito superestimado. Sem a menor sombra de dúvidas, o álcool supera qualquer forma de afeto como força-motriz da humanidade. Pegue, por exemplo, a história das ilhas caribenhas e do Reino Unido. Em 1655, a Grã-Bretanha capturou a Jamaica e começou um caso de amor (talvez ele mova montanhas) com o rum.

A bebida já era produzida naquela ilha, que tinha abundância de cana-de-açúcar. A Marinha Real britânica não hesitou em substituir o aristocrático brandy francês pelo refrescante e tropical rum. Os marinheiros eram diariamente abençoados com doses de destilado, muitas vezes combinadas com limão. Os marinheiros viam no rum não apenas um antídoto contra o escorbuto, mas também uma fonte de alegria em suas vidas a bordo de navios desprovidos de luz, com comida escassa e o constante medo de criaturas marinhas lendárias.

O rum tornou-se tão famoso que passou a ser usado como moeda de troca pelos corsários britânicos. Esses, um tanto menos comedidos do que os militares da respeitosa rainha, geralmente consumiam quantidades copiosas de bebida. Não era raro o caso de um navio pirata capturado facilmente pela

Marinha, visto que seus ocupantes não tinham condições sóbrias de lutar. Em pouco tempo, o rum — e seus barris — chegaram ao Reino Unido.

É surpreendente que, apesar de tamanha conexão com a bebida tropical, a indústria do scotch whisky somente tenha se voltado para barricas de rum lá pela década de 1970, quando uma certa Springbank lançou um whisky exclusivo e caríssimo maturado na bebida. E é aí que entra o tema de nossa prova: o novo Glenlivet Caribbean Reserve.

Embora desejássemos compartilhar mais detalhes sobre este single malt sem idade declarada, a verdade é que ele, assim como o amor, guarda seus segredos com afinco. Sabe-se que o Glenlivet Caribbean Reserve foi maturado em barricas de ex-bourbon e depois teve um flerte com barris de rum jamaicano — o que chamam de “maturação seletiva”. A marca do rum também não é divulgada. Mas este Cão, num palpite educado, supõe que seja Appleton State, considerando sua nacionalidade. E é só.

Whiskies finalizados em barricas de rum têm se tornado cada vez mais comuns, uma conexão compreensível, uma vez que o líquido tropical acrescenta uma nota frutada e de coco que harmoniza com perfeição com a trindade de sabores do bourbon: mel, baunilha e caramelo. A grande questão é

sempre o equilíbrio. Por conta da potência sensorial do rum, há um grande risco de se criar um whisky desequilibrado, puxado para o destilado de cana. Aqui isso não acontece. O Caribbean Reserve é equilibrado, com uma nota discreta do frutado do rum no final.

O The Glenlivet Caribbean Reserve foi lançado em abril de 2020 e é parte do *core range* da destilaria, juntamente com o Founder’s Reserve, 15 anos, 18 anos e o antigo 12 anos, em alguns mercados específicos. O Caribbean Reserve tem um preço um pouco superior àquele do Founder’s, seu rótulo de entrada. Na opinião deste Cão, o upgrade compensa: apesar de ser claramente um malte jovem, o Caribbean tem mais personalidade e entrega uma experiência diferente de whiskies em sua faixa de preço.

Para aqueles que buscam um single malt com preço acessível, mas que vai além do comum envelhecimento em barricas de ex-bourbon, o The Glenlivet Caribbean Reserve é a resposta. Enquanto Céline Dion pode acreditar no poder do amor, nós, amantes do whisky, sabemos que o poder de uma boa bebida pode superar qualquer montanha. E o Caribbean Reserve é a nossa prova definitiva disso.



breve ato de descascar laranjas, livro de estreia de Bianca Monteiro Garcia, constrói uma poética do luto, da loucura e da clausura. Esse tripé temático envolve a obra, através de poemas cotidianos que contam uma história: conversa com os leitores sobre a morte de um pai e de uma avó, sobre uma internação psiquiátrica e sobre um enclausuramento forçado pela pandemia (e pelos próprios elementos do luto e da loucura).

Dividido em quatro partes, é pensado esteticamente a partir da cor azul e do processo de cianotipia: com as páginas azuis e letras brancas (ou o oposto) e com fotos impressas em cianótipos, fazendo com que a fotografia se realize na cor ciano, ele nos leva a uma melancolia que deseja se transformar em resistência e memória.

O prefácio é de Martha Alkimin, professora e pesquisadora da UFRJ; o posfácio, de Regina Azevedo, poeta; e a orelha, de Simone Brantes, também poeta.

Sobre a autora: Bianca Monteiro Garcia nasceu em 1994, no Rio de Janeiro. É editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *breve ato de descascar laranjas* é seu livro de estreia.

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*

www.macabeaedicoes.com
Macabéa Edições e 7letras
[@macabeaedicoes](https://www.instagram.com/macabeaedicoes)
R\$55



Desastre: rede OXXO de minimercados (leia: ó-quis-sô)

É necessário uma consulta com um bom cardiologista, de preferência um que entenda sobre a proliferação de minimercados e de bradicardias causadas pelos estabelecimentos de esquina. É preciso que um biólogo, um analista de franquias e um psicanalista se reúnam urgentemente e tratem do assunto — e que chamem o cardiologista para opinar. O linguista também deverá ser consultado para esclarecer finalmente a notação fonética do problema. Este, o problema: a rede OXXO de minimercados (nota: nesse momento, o linguista grita do canto da mesa: “se fala Ó-QUIS-SÔ, não Ô-CHO!”). O biólogo acredita ser uma evolução das conveniências dos postos de gasolina, agora em formato de empório, e pede que o analista de franquias estude a hipótese mais a fundo. O psicanalista tenta entender o perfil das lojas, que parecem ter herdado das Lojas Americanas e da rede Dia Supermercados a aparência de iminente falência — uma espécie de mimetismo entre as pulsões de morte dos varejos. Um urbanista renomado prepara uma tese sobre o uso da tonalidade cinza nas fachadas dos comércios da capital paulista — na tese, esses comércios são tachados de arquitetura plástica. O uso do vermelho na fachada é para dar fome, disseram. O amarelo é uma purulência ainda não investigada — e aqui o infectologista

se impõe no papo. Ontem um antropólogo entrou em um desses, lá na Barão de Limeira, e hoje desistiu da profissão. Um outro homem grita enlouquecido pelas ruas a existência de um rococó nas paredes infiltradas no setor dos congelados, reivindicando que a obra fúngica seja reconhecida. Alguns acusam lavagem de dinheiro, outros se ocupam de defender as padarias. Eu me preocupo com o caixa e com o cinza sob os seus olhos, mas quando digo bom dia, ele não diz nada de volta e só não me aborreço mais porque ando eu mesma meio rede OXXO de minimercados: a falta de humor, a insônia, a impaciência, uma luz piscando fraca no teto, um gotejamento aqui e ali e uma maldita torcicolo que me trava o lado direito. Dizem que agora o Papa também entrou em cena, decretou a necessidade de uma missa papal e pede para que todos roguemos a Deus pelo livramento dessa que é a mais nova peste bíblica das capitais. O pastor também se pronunciou, invejado da rapidez com que a franquia tem ocupado as garagens e os prédios velhos da cidade, assim como antes faziam os cultos. A crise é geral na patente e já pode ser vista a histeria dos pesquisadores e daqueles mais sensíveis. Enquanto isso, alguém procura o extrato de tomate nas prateleiras do minimercado mais próximo, sem tanta aflição.

Em defesa do planeta, o Jornal RelevO apresenta aos seus acalorados leitores os próximos destinos do verão perpétuo da humanidade.

Ninguém mais duvida de que a humanidade acabou e que estamos vivendo apenas a prorrogação da vida, meras faixas-bônus remixadas por um produtor obscuro cujo tio rico pagou à gravadora em permutas de vinho contrabandeado. Em termos climáticos, vivemos uma espécie de *golden goal*, apenas à espera do chacoalhão final. Pensando no fim do fim e na importância da indústria do turismo para a economia mundial (mesmo depois do fim do mundo), trazemos as apostas de destinos mais apropriados a experiências de intensidade e de selfie enquanto ainda existe Planeta Terra – não aquele festival de *indie* aposentado.

Circuito de Le Parkour Cataratas-geleiras da Antártida

Por muito tempo, a experiência de conhecer os paraísos remotos da humanidade, como o Polo Norte e o Polo Sul, era permitida apenas para bilionários exóticos ou pessoas com formação em alguma coisa de bicho ou pedra. Contudo, o empresário ibérico-francês Jean Cucarrollet pretende revolucionar a experiência com geleiras ao trazer para Foz do Iguaçu um conceito de Le Parkour único, aproveitando os blocos de gelo que começaram a cair das Cataratas, tornando o que era catastrófico em catastrófico, mas fotografável.

“Cruzar com onça já cansou pra mim. O turista de hoje quer saber de experienciar o extremo do extremo. Perigo, adrenalina, filtro: tudo caminha para um mesmo caminho e vice-versa. Estamos estudando a possibilidade, inclusive, de unir papagaios e focas marinhas no mesmo rollet, digo, passeio, demonstrando que o animal silvestre brasileiro não é preconceituoso e nem vive somente de xingar turista estrangeiro”, afirma Cucarrollet, que promete a inauguração para 2024 – “se ainda estivermos por aqui, claro. Me alcança um copo d’água?”.

Curitiba: capital do samba

Por muito tempo, Curitiba foi considerada por si mesma a Europa do Brasil, com seus cidadãos enumerando os dias

anuais de “neve”, evitando encontrar os próprios amigos e contando onde estavam naquele dia que fez frio pra caralho. Mas, para o empresário Jorginho Guimba, a hora é de pensar no futuro do deslocamento da realidade: “faz tempo que não tem geada-geada e, se bem me lembro, pois acabei tendo pressão baixa e desmaiando, dia desses fez 37 graus em setembro. É a hora certa de mudar o *mood* de capital mais fria do Brasil para a capital mais... alegre?, e explorar o que de bom o calor extremo traz, como...”, alega o empresário em alguma língua nativa de seus avós. “Sou filho das bruxas da Itália que... Cleide, traz o medidor de pressão de novo?”. Ao oficializar Curitiba como capital do samba, a ideia é, a princípio – não entendemos muito bem –, deixar o samba morrer. “É pro planeta balançar menos”, alega Guimba.

Expedição Brasil-Portugal a bordo de um istmo

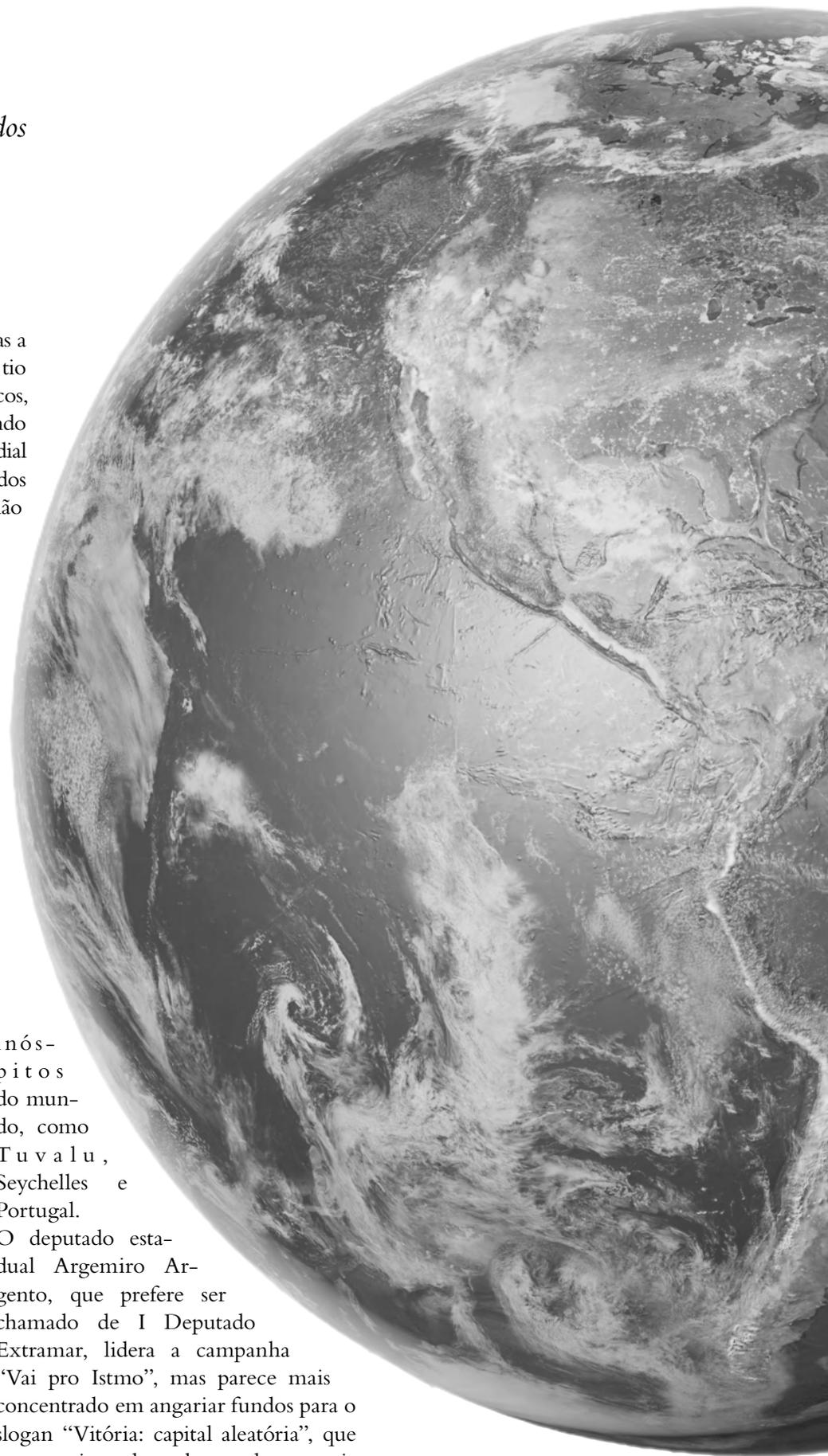
Com o aumento de pequenos territórios no Brasil e das fissuras no tecido social do país – e, num mundo líquido, contando com a diminuição da necessidade de um estado pertencer à nação por sua mera fronteira terrestre –, o Espírito Santo já faz planos de se desmembrar do Brasil não de forma legal, mas simplesmente física. A ideia? Tornar-se um pedaço de terra que pode ir aonde quiser, levando toda a malemolência capixaba aos locais mais

inóspitos do mundo, como Tuvalu, Seychelles e Portugal. O deputado estadual Argemiro Argento, que prefere ser chamado de I Deputado Extramar, lidera a campanha “Vai pro Istmo”, mas parece mais concentrado em angariar fundos para o slogan “Vitória: capital aleatória”, que promete jogar luz sobre... alguma coisa – o Espírito Santo é realmente um ponto de interrogação charmoso deste país quente de Norte a Sul.

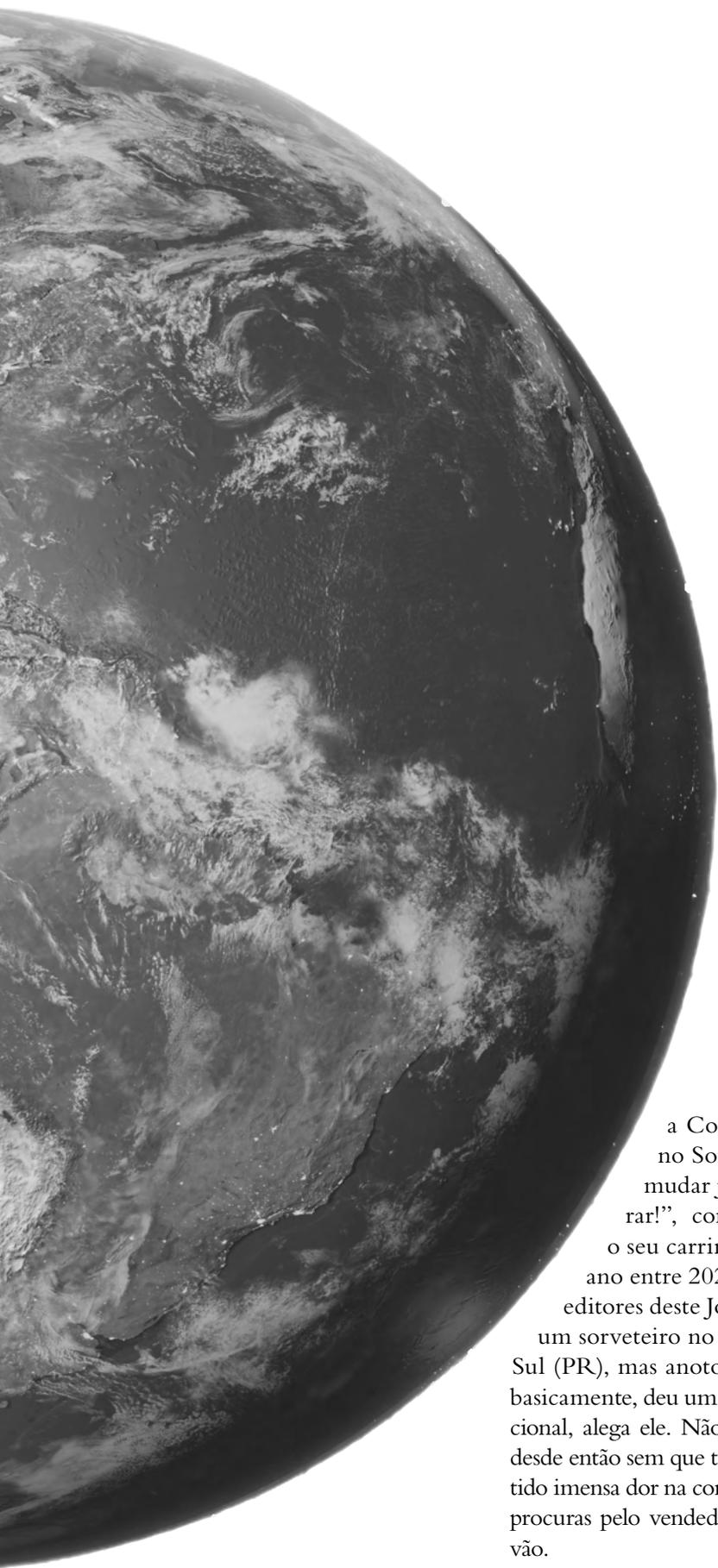
Movimento separatista do sorvete

Com a nova ordem mundial invertida, os sorveteiros enfim serão reconhecidos como prestadores de

serviços de extrema necessidade. Contudo, a questão que fica é: quem serve sorvete ao sorveteiro? O cidadão mais limitado poderá responder que o próprio sorveteiro poderá servir-se, numa real apropriação dos meios de produção. Aí que começa a crise. A sorveteira Alexia Passos, idealizadora



AIÇOS ARTIFICIAIS



a Cobertura de Menta no Sorvete). Se isso não mudar já, o Brasil vai parar!”, completa, cadeando o seu carrinho. Na virada do ano entre 2021 e 2022, um dos editores deste Jornal tentou pagar um sorveteiro no Pix em Pontal do Sul (PR), mas anotou o Pix errado e, basicamente, deu um calote – não intencional, alega ele. Não se passou um dia desde então sem que tal editor tenha sentido imensa dor na consciência, e todas as procuras pelo vendedor Brito foram em vão.

do movimento Duas Bolas, Um Cone (DBUC) – “nada a ver essas piadinhas, e nada a ver me chamar de Alexa e me pedir algo” –, lidera a campanha contra a crescente taxaço do setor. “Meu sorvete saía por 2 reais e agora tá 22 reais simplesmente porque o governo passou a cobrar ICMS (Imposto sobre

Bremen: a cidade condicionada
Acostumados com o condicionamento à burocracia, os alemães, tarados por papel e por eliminar a graça de qualquer atividade humana, prometem uma solução para o aquecimento global (que dessa vez, ou por enquanto, não envolve dominar a Europa ou

protagonizar alguma guerra mundial). A ideia é construir uma cidade-domo com motores alemães, placas tectônicas alemãs, design alemão e disciplina alemã. Até o momento, a ideia não decolou: ninguém quer morar lá, muito menos enfrentar a papelada necessária para a candidatura (que, ironicamente, segundo estimativas sólidas do Instituto Muito Alemão de Pesquisa, desmataria o planeta inteiro se 3% da população decidisse pleitear uma vaga).

Beach soccer revenge

Por muito tempo, o futebol de areia foi considerado um subesporte praticado por cariocas que trabalham entre o Natal e o Ano Novo. Contudo, diante das dificuldades crescentes de obter gramados de qualidade no Brasil e no mundo, diversas confederações estudam transformar o futebol de grama em areia. A liga americana de futebol (MLS), sempre reconhecida pela falta de intimidade com a bola, planeja para 2026 uma série de eventos-teste em Ibiza e Arraijal do Cabo, visando dominar o suposto subesporte para reforçar a liga local, vender mais cachorros-quentes e poder se denominar melhor do mundo em outra atividade praticada apenas por americanos. Também cogita-se encontrar petróleo na areia.

Excursão Aparecida do Norte-Hubble

Se tem uma coisa que o brasileiro que passa mal de calor gosta de fazer é rir de brasileiro em situação pior que a dele. Ônibus sem ar-condicionado? Falta de água no coletivo? Grupo de jovens bêbados pisando na merda, perdendo viagem e vomitando no banheiro? Sabendo dos perigos da fé em excursões e aproveitando o sucesso do ônibus-rave “Aparefrita”, o empresário Melon Husk pensa em lançar, a partir

de 2030, excursões que partem de Aparecida do Norte para algum lugar do espaço. “Ainda não sei onde, mas vai ser lóco... vem cá, isso aí é água *água?*”.

Balneário Camboriú Bar

Se o Brasil inteiro não pode ir a Camboriú, que tal transformar o Brasil inteiro em Camboriú? Foi o que absolutamente ninguém pediu e, por isso mesmo, parece ser o destino derradeiro da nação. Como sinal fatídico do Apocalipse, a bela cidade litorânea com sombra no litoral almeja se tornar o primeiro bar-cidade de gelo gigante, com muitas luzes, muitos DJs, muitas baladas, muitas coisas que você, com mais de 29 anos, não quer fazer e, com menos de 29 anos, não tem dinheiro para fazer. O promoter Guilherme Medina, mais conhecido como Gui Medi, é dono do BarNeário e idealizador do projeto que o Greenpeace já batizou como “A sexta onda do fim dos tempos”: “Só sei dizer uma coisa: seremos a primeira cidade inteiramente VIP do mundo”.

João Gilberto: o gênio era um vampiro?



— Então... Quer dizer que você quer se encontrar com João Gilberto?

— É.

— Pois tome cuidado — avisa Menescal.

— Por quê?

— João é perigoso. Tem alguma coisa de sombrio. Ele muda as pessoas com quem tem contato. Capaz de mudar você também.

— Como assim?

— De repente, é capaz de você se tornar um amaldiçoado para todo o sempre.

Faz anos que este humilde editor quer escrever sobre *Ho-ba-la-lá* — não a música, mas o livro do alemão **Mark Fischer** (não confundir com *aquele* Mark Fisher). Por um motivo ou outro, isso nunca aconteceu, isto é, até agora, quando o universo me forneceu sinais suficientes para retomar o assunto.

Estava em um aniversário (de um grande colaborador do Jornal, inclusive, e que justamente por isso terá sua identidade e credibilidade preservadas), quando me dei conta de que toda a roda, movida por um espírito de esquema de pirâmide (iniciada por mim; o mérito é meu), havia lido *Ho-ba-la-lá*, um livro esgotado e fora de circulação, portanto caríssimo (apenas quatro edições, preço mínimo R\$ 230 na Estante Virtual) e [portanto de novo] obtido apenas por métodos não legais, porém gratuitos. *Ho-ba-la-lá* certamente não foi uma bomba, ao menos não em Curitiba, então havia alguma relação de causa e efeito ali.

Pois bem, a premissa do livro é muito simples: Mark Fischer, um alemão, quer porque quer encontrar João Gilberto, o brasileiro, e ouvi-lo tocar 'Ho-ba-la-lá', a música. Apenas isso. Porém, qualquer cidadão deste país minimamente cômico da mitologia nacional sabe que encontrar João nunca foi tarefa fácil ao longo da vida deste gênio. Fischer sabia disso.

Para que encontrar um homem que, evidentemente, não deseja ser encontrado? Para que fazer contato com quem não quer contato nenhum?

Razão nº 1: Porque João Gilberto é um enigma. Porque não está claro o que o instiga, ou se alguma coisa ainda o instiga em seu quarto de hotel — ou onde quer que ele more no momento. Porque circulam histórias estranhas a seu respeito, e não se sabe quais são verdadeiras e quais são estapafúrdias, fantasiosas, inventadas:

Dizem que toca violão o tempo todo, sempre as mesmas canções.

Dizem que conversa com gatos.

Dizem que fala com os mortos.

Dizem que uiva para a lua.

Dizem que, mesmo com os parentes, ele só se comunica por intermédio de bilhetes que lhe são passados por debaixo da porta.

Dizem que, em resumo, ele não se comunica.
Dizem que pratica uma religião estranha.
Dizem que odeia tanto as pessoas que não consegue suportá-las.
Dizem que ama tanto as pessoas que não consegue suportá-las.

Para abordar o problema, Fischer tomou a melhor solução criativa possível. Pois antes de mais nada, o gênero do livro, em sua essência, é um romance policial. Tem o formato, a estrutura, o *cheiro*. Estruturado em primeira pessoa, tem até um Watson, “que na verdade não se chama Watson coisa nenhuma, e aliás não é homem. Trata-se da minha fiel companheira Rachel, o cão rastreador mais rápido do mundo e a intérprete mais habilitada do Rio de Janeiro, porque, claro, não falo uma palavra de português. É uma judia líbano-brasileira com um diabo tatuado na panturrilha; pesa duas vezes mais que eu, prefere mulheres a homens e desde o primeiro instante eu soube: aí está meu Watson”.

Fischer, que leva a tarefa muito a sério (alemães...) sem se levar muito a sério (cariocas!), oferece-nos uma narrativa deliciosa, extraordinária, entrevistando figuras como **João Donato**, **Miúcha**, **Marcos Valle**, **Roberto Menescal** e outros indivíduos menos conhecidos, mas ainda mais marcantes. A conversa com o garçom Garrincha – já publicada na *Enclave*, tal qual o trecho que abre este texto – é surreal e sintetiza a complexidade de tentar decifrar o indecifrável:

Começo de imediato com meu interrogatório:

— *Garrincha, por quanto tempo você foi o cozinheiro preferido de João [Gilberto]?*

— *Pouco mais de cinco anos, mais ou menos.*

(...)

— *E como era quando João ligava?*

— *Sempre a mesma coisa. Onze da noite, no Plataforma, o telefone tocava, e João dizia: “Boa noite, Garrincha”. E eu: “Boa noite, João”. Ele: “Como vai, Garrincha?”. “Tudo bem, João.” “E como vai sua esposa, Garrincha?” “Bem também, João.” “E as crianças, como estão?” “Todas bem, João.” “Adriana sarou?” “Sarou, sim. A gripe já passou.” “O que tem hoje no cardápio, Garrincha?” “Acabamos de receber peixe fresco, João. Um bacalhau maravilhoso, servido com legumes e arroz. É muito bom, acabei de experimentar, comi ainda agorinha.” “E o que mais tem, Garrincha?” “O de sempre, João: picanha, churrasco, costelinha, lombo de porco, costeleta de cordeiro, atum, perca, lagosta, peixe-espada.” “O peixe-espada está bom, Garrincha?” “Está excelente, João. Vou mandar grelhar e temperar com uma nova mistura que acabei de inventar. Você vai adorar.” “Vou querer o steak, Garrincha.” “Está bem, João.” Então, entre meia-noite e uma da manhã, o mesmo entregador levava quase sempre o mesmo prato para ele. Deixava o pedido no chão, diante da porta. E, no dia seguinte, a cena toda se repetia.*

— *Quanto tempo durava a conversa ao telefone?*

— *Uns quarenta minutos.*

— *E assim foi durante cinco anos?*

— *Assim foi durante cinco anos.*

— *Você nunca viu João pessoalmente?*

— *Não, nunca vi.*

— *O entregador chegou a ver ele?*

— *Só uma sombra, ou a mão que surgia de detrás da porta para, rapidinho, estender o dinheiro. Às vezes, ele já deixava um envelope com o dinheiro no chão.*

— *Mas isso é piração, Garrincha.*

— *Isso é João Gilberto, meu senhor.*

Portanto, há situações e personagens um tanto absurdas, e a leitura do autor é sempre apurada – como, de fato, a de um detetive *noir*. O trecho abaixo parece extraído de Raymond Chandler ou do *Vício Inerente* de Pynchon:

Watson veste uma blusa vermelha bem decotada e traz brincos enormes nas orelhas. Parece uma Mata Hari mais avantajada. Eu a trouxe comigo e sugeri o estilo sexy porque, depois de um minuto ao telefone com Otávio, logo vi que seu inglês não era suficiente para ser compreendido e que ele era o tipo de sujeito que, com homens, fala pouco, mas, diante de uma mulher, não para de falar.

E, caso a presença de Watson não bastasse, eu tinha trazido algo mais, uma arma secreta: o baseado que João Donato me dera e que eu, em razão do inesperado progresso das investigações, ainda não conseguira fumar. Ele seguia guardado no meu maço de cigarros — a salvo, sequinho e muito eficaz.

Independentemente da direção, Mark Fischer parece se deparar com uma conclusão comum: João Gilberto é uma espécie de vampiro, um ser de outra dimensão capaz de alterar a consciência (e a lucidez) daqueles que convivem com ele. Trata-se de um padrão: ninguém – quase ninguém – passa ileso, como alertaria Menescal.

O que traz um elemento extremamente doloroso, mas ainda mais complexo para *Ho-ba-la-lá*: Fischer se matou pouco antes do lançamento do livro.

Pois é.

Respostas que trazem perguntas, dúvidas que trazem indagações. Sua morte é um paratexto assustador da obra, o que – numa leitura completamente irresponsável, favor não levar a sério – parece salientar a tese do autor. Assim como Fischer, numa tarefa hercúlea e impossível, queria entender João Gilberto, queria eu entender Mark Fischer. Agradecê-lo e abraçá-lo antes de mais nada.

Ho-ba-la-lá é extraordinário, obra-prima mesmo, porque consegue contar uma história envolvente no melhor formato possível para desenvolvê-la. Mais do que isso, é extraordinário por ser muito, muito pessoal. Nada cativa mais que uma tarefa quixotesca, incapaz de ser justificada para além de uma coceira individual e (via de regra) ilógica. Não é preciso conhecer ou gostar de João Gilberto para ser puxado por esse vórtice.

Com todas as suas particularidades, o livro também é o caso típico de obra que não só não perde por partir de uma mente estrangeira, como provavelmente só poderia ter sido escrito por um estrangeiro. O olhar externo intrinsecamente permite rupturas e permissões inalcançáveis àqueles que vivem dentro do contexto retratado.

Se Mark Fischer encontrou João Gilberto?

Leia *Ho-ba-la-lá*.



Perturbação mental no supermercado, de acordo com cada categoria de produto

Infelizmente, o supermercado é compreendido pela nossa civilização ocidental a partir de um ponto de vista de extremado utilitarismo. Fazemos uma lista, nos deslocamos até a propriedade da empresa multinacional, percorremos seus corredores mal iluminados com carrinhos em estados lamentáveis de preservação, empilhamos as compras ali dentro, enfrentamos a fila do caixa, constatamos o preocupante estado da economia nacional ao conferir a soma do custo das mercadorias, passamos no crédito e, para o restante da jornada, que ajudem os Deuses quem não tem carro.

Nessa simplificação, escapam os detalhes e minúcias de cada compra. A ordem que cada pessoa prefere, os processos de seleção dos produtos (por preço, por marca, por influência digital). Torna-se opaca a ideia de que ir ao supermercado não é apenas uma tarefa qualquer, mas praticamente um ritual moderno. Como um formigueiro composto por insetos individualistas, traçamos nossas rotas semanais ou quinzenais até esses nobres estabelecimentos para transportar suas commodities até nossas casas empregando métodos que refletem nossos valores, nossos temores, nossas recomendações nutricionais e nosso poder aquisitivo. Nessa curiosa dança, revela-se um aspecto performático da compra.

É em tal intrincado sistema simbólico que está tanto a força quanto o perigo de ir ao supermercado, pois ele demanda uma pesada carga mental. Minha teoria, entretanto, é que esse sofrimento não se espalha uniformemente pelas gôndolas. Existem produtos que causam mais danos neurológicos do que outros. Organizei, na lista a seguir, uma espécie de ranking para cada categoria de produto, dos mais prazerosos para comprar aos que mais ferem a estética do supermercado.

S-TIER: melhores produtos, prazer garantido

- Pães e demais artigos da padaria:

definitivamente, a forma mais segura de agregar valor às estruturas do supermercado é instalar uma padaria em coordenadas estratégicas. Guiada pelo cheirinho de pão recém-assado, a clientela provavelmente terá o momento mais feliz da experiência de compra perante a vitrine de pães franceses, croissants, broas, cuecas-viradas e demais carboidratos.

- Adega: um supermercado com a mínima noção de bon-vivantismo perceberá que vale a pena investir em uma identidade própria para a gôndola dedicada aos vinhos e bebidas. Há algo de especial em poder levar para casa um agradinho alcoólico, é certamente um momento sublime da via-sacra do consumo.

- Gôndola especial das promoções: em todo supermercado que se preze, há uma seção especial, às vezes até meio camuflada, dedicada aos produtos que estão próximos da data de validade. A data de validade, aliás, é um dispositivo político que visa à segurança e ao bem-estar do consumidor e, em troca, infantiliza a relação, já que precisa explicitar didaticamente o risco de morte que uma pessoa corre ao consumir algo que está há três meses num pote na geladeira. Seja lá como for, faz bem aos sentidos poder comprar algo caro com um desconto. O sacrifício, oh meu Deus, é ter que comer aquela coisa ainda hoje, todinha, o pote inteiro...

A-TIER: produtos cuja compra ocasiona o esboço de um sorriso

- Açougue, peixaria e armazém: é praticamente uma fórmula do sucesso. Itens ancestrais, consumidos desde os tempos das cavernas, evocam memórias arquetípicas no momento da compra. Ao agarrar um belo pedaço de queijo, ao ensacar belas quinhentas gramas de alcatra, ao sentir o cheiro do peixe fresco, nos sentimos parte de uma espécie. Nos sentimos acolhidos. O supermercado pode oferecer acolhimento, desde que por um preço justo.

- Temperos e especiarias: como é bom não precisar atravessar oceanos e destruir civilizações para oferecer um caráter adicional para a comida. A gôndola dos temperos só não está no topo da lista por dois problemas incontornáveis: eventualmente, nosso palato orienta escolhas para itens precisos que, muitas vezes, não se encontram no supermercado — e não encontrar algo no supermercado significa raiva, frustração, vontade de ouvir Korn, Slipknot. Além disso, temperos até que duram bastante, então acabamos visitando essa seção, muitas vezes, mais por saudade do que por necessidade.

- Cervejas e outras bebidas: pode ser que se encontrem próximas aos vinhos na adega, pode ser que a gerência do supermercado as deixe lá no fundo, ainda nos engradados sobre os pallets da transportadora, e pode ser que você encontre embalagens dispersas pelo estabelecimento, sugerindo bons acompanhamentos para salgadinhos ou lotes contaminados. Comprar cerveja é sempre um refúgio.

B-TIER: produtos que compramos por necessidade, sem prazer envolvido

- Setor de hortifruti: embora sejam símbolo de uma alimentação saudável, o processo de escolha de frutas e legumes toma tempo e transforma a experiência do supermercado em uma espécie de prática de investigação forense. É preciso estacionar o carrinho por um tempo e se lançar ao universo inóspito das cebolas, das bananas e das abobrinhas, as quais demandam avaliações cuidadosas em busca de caroços, machucados, insetos e outras aberrações contaminantes. Bons escolhedores exibem os resultados da compra como troféus em seus carrinhos, que maculam a estética do supermercado ao sugerir uma moral implícita: o carrinho que tem mais legumes dentro vai viver mais tempo que os outros.

- Gôndola dos grãos e cereais:

escambo das civilizações do crescente fértil, a seção dedicada ao arroz, ao feijão e ao grão-de-bico encontra-se em declínio estético. Os produtos estão ensacados em plásticos pouco degradáveis, exibindo logotipos dos anos 1970 e privando que o sentido do tato participe do processo de escolha. Trata-se de um momento breve, protocolar, no qual apenas compara-se o preço e o tamanho do saco antes de enfiar o produto no canto menos habitado do carrinho.

- Gôndola da confeitaria: situação semelhante à seção de cereais, ao consumidor que opta por fazer os próprios bolos e assar os próprios pães reserva-se o momento emblemático do cálculo Quanto Peso Eu Consigo Carregar versus Quanta Farinha Eu Realmente Preciso Usar Essa Semana. Como intrusos que forjaram credenciais, estão nessa seção também as caixinhas de leite condensado e creme de leite. Quem são vocês? O que insinuem?

- Compotas: essa divertida seção do supermercado nos introduz ao mundo dos potes e potenciais candidatos a substitutos econômicos para tupperwares. Minha teoria é que essa seção tem um apelo específico a faixas-etárias precisas. Como um sinuoso de distribuição normal, o doce de leite e os pêssegos em calda empolgam crianças e idosos, mas são ruidosos para adultos e jovens em busca de alternativas menos calóricas para o café da manhã.

- Higiene pessoal: a depender do estabelecimento, vários metros quadrados de prateleiras são reservados para itens como sabonetes, cremes dentais, lenços umedecidos e outros itens de autocuidado. O grande fardo que o processo de aquisição desses produtos traz consigo é o desnude, em tempo real, da própria personalidade. Que tipo de sabonete você prefere? Você usa fio-dental todos os dias? Cuidado com o que coloca para dentro do carrinho. Os supermercados estão cheios de câmeras.

C-TIER: produtos cujo processo de compra provoca sofrimento

● Ovo: ei, Batman, aí vai uma charada: você prefere passar cinco minutos escolhendo ovos ou confiar na integridade dos músculos das cloacas das galinhas e pegar uma embalagem lacrada de 20 ou 30 unidades? Além do tortuoso processo de verificação por rachaduras, a bandeja de ovos é, provavelmente, o primeiro item verdadeiramente frágil a compartilhar espaço no carrinho. Demanda um acuncho consciente, não pode ter nada muito pesado em cima. Comprar ovo é uma responsabilidade.

● Gôndola dos animais de estimação: não é culpa dos bichinhos, mas uma seção inteira para ração, acessórios, tapetes para urina e areia para gato é uma espécie de ilha semântica na estética do supermercado. Destoante, ainda que, paradoxalmente, um momento de genuíno agrado, visto que o que ocupa nossas mentes, nesse momento, é o bem-estar do mascote que está em casa, ansiosamente aguardando pelo nosso retorno.

● Congelados: eis o clímax de qualquer processo de compra em supermercado. O ritmo tranquilo do deslizar do carrinho pelos corredores sofre uma mudança de compasso: o maior problema da seção dos congelados é a contagem regressiva automática que começa no momento em que eu ponho uma batata ou um pacote de peito de frango no carrinho: preciso terminar as compras RÁPIDO ou esses itens vão começar a descongelar. A partir do momento em que agarro um pacote do freezer e coloco entre as outras compras, removo o produto do seu habitat natural e o submeto às condições atmosféricas normalizadas. Pode ser uma preocupação irreal, mas o sofrimento existe. Compre produtos congelados somente se você não pretende demorar pra chegar em casa. Deixe por último. Escolha seus legumes e ovos primeiro.

● Produtos de limpeza: gosto de pensar nas distopias totalitárias que entenderam o problema e resolveram essa seção do supermercado do melhor jeito possível: acabar com essa palhaçada de tal marca é mais eficiente, tal produto limpa mais, tal marca é mais

colorida. Nivelar tudo e oferecer apenas um rótulo branco, genérico. Isso evita a epidemia de pessoas abrindo garrafas, cheirando, fazendo tabelas e algoritmos para calcular preços vantajosos. Existem pessoas (eu) que sofrem por não saber qual marca de amaciante funciona melhor. Está mais do que na hora de algum deputado ou senador deixar de ter MEDO e propor a padronização global dos produtos de limpeza. Sem rótulo colorido, sem mascotes quiméricos, sem marca, só o nome popular do produto, seus ingredientes, o princípio ativo, as precauções e é isso aí. Eu por mim deixava até o governo mandar uma lista do que cada cidadão precisa comprar nessa seção e pronto.

D-TIER: produtos que destroem a estética do supermercado e acarretam desequilíbrio mental na hora de colocá-los para dentro do carrinho

● Laticínios: provocam o mesmo problema dos congelados, com o agravante de que ELES NÃO ESTÃO CONGELADOS.

● Doces, bolachas e bomboniere: ah sim, a disneylândia do supermercado. A dantesca gôndola dos doces é uma espécie de padaria na qual os carboidratos aceitaram o convite do Darth Vader para participar do lado sombrio da força. Não apenas uma afronta ao sistema digestivo, tais produtos também ocasionam uma ferrenha chaga na estética do supermercado ao sugerir, de forma extremamente artificial, que estamos em um lugar feliz. Em busca da obliteração do nosso autocontrole, esses produtos se agrupam em aglomerados simbólicos de satisfação do paladar enquanto, nos bastidores, desequilibram cadeias produtivas e incentivam a biopirataria. Tenhamos autocontrole! Um chocalatinho ou dois e chega!!

● Papel higiênico: os pacotes de papel higiênico estão cada vez maiores. 30, 40, 50 unidades. Ocupam todo o espaço do carrinho. Demandam uma revisão da estratégia de assentamento dos produtos. São um espaço em branco na prancheta do mundo das compras.

● Plásticos, material escolar, pilhas e baterias: esses são os produtos limítrofes, a fronteira entre o que precisa

de fato existir em um supermercado e o que está aparecendo por ali graças aos contatos dos donos do estabelecimento com as máfias locais. Não é um problema comprar essas coisas, mas é o tipo de brecha ontológica que permite, por exemplo, que alguém um dia proponha a fundação do primeiro supermercado gamer.

BOTTOM-TIER: o fundo do poço. Passar por esses produtos, no supermercado, atesta nosso fracasso enquanto civilização

● Eletrodomésticos: vamos combinar uma coisa aqui. Se eu quisesse comprar eletrodomésticos, provavelmente não estaria empurrando um carrinho de supermercado por aí. Entretanto, mais e mais estabelecimentos acham interessante dedicar pavilhões inteiros para robôs dedicados a aspirar pó, lavar roupa, liquidificar alimentos. Vejam bem, não estou sugerindo que essas coisas não são úteis ou não devem ser compradas. Mas o que diferencia um supermercado de uma loja de departamentos? Estamos diante de uma confusão categórica disfarçada de facilitação de consumo. Em breve, teremos supermercados fantasiados de loja de material de construção. Você não apenas abastece sua casa comprando lá, mas quem sabe também não aproveita e leva os materiais para fazer seu puxadinho no quintal.

● Enxoval: percebam que estou operando, nessa categoria “bottom-tier”, de forma muito conservadora. Você vai no supermercado para comprar roupas, definir seu estilo pessoal? É estranho pressupor que o mesmo estado mental usado para escolher entre pão fatiado e pão sovado também serve para navegar entre uma estampa de camiseta e outra.

● Caça e pesca, camping. Esportes: ok, o que está acontecendo agora? Eu estou ficando maluco? Posso ir até o supermercado para comprar azeite de oliva e voltar de lá com uma barraca? É preciso parcimônia para não confundir o papel do supermercado na sociedade a partir do momento em que ele começa a reservar espaço para hobbies excêntricos. Elementos dessa natureza permitem que o supermercado vá ficando cada vez maior. Daqui a

pouco você tem que programar uma viagem de três dias para fazer as compras, porque para chegar até o setor de hortifruti é preciso, antes, passar pelas espingardas, pelas piscinas infláveis, pelos acessórios de academia, pelo museu de história natural by grupo Extra etc...

● Automotivo: nada fere mais a estética de supermercado do que o consumidor aproveitando a promoção do setor automotivo e empilhando seis pneus Michelin no carrinho de compras. Não é nem sequer possível identificar algum ato performático nessa compra, o aspecto ritualístico já foi para o espaço sideral. A presença de uma gôndola para acessórios automotivos no supermercado escancara as piores mazelas da vida urbana, o carrocentrismo contemporâneo. Por favor, afaste o pão, preciso de espaço para a borracha nova do meu limpador de para-brisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será que foi o supermercado que evoluiu para satisfazer a ordem civilizacional humana ou será que foi a civilização humana que foi se adaptando em torno da figura do supermercado? Essa é uma pergunta sem resposta, mas que sugere que sim, é possível localizar em tal estabelecimento um poderoso nexos de entendimento para nossas dinâmicas sociais. Somos animais consumidores.

Refletido na categorização científica do processo de compra, está um estranho desejo de otimização: transformar o supermercado em um espaço produtivo, no qual não deveria haver espaço para confusão, perda de tempo, devaneios. Produtos disputam por atenção, conquistam espaços: você logo descobre que existem gôndolas inteiras para o macarrão. De produto singular, ele evolui para uma categoria própria. Você olha para o carrinho e encontra um reflexo de si mesmo. Um reflexo que, em 2012, custava 80 reais, mas que, agora, precisará ser parcelado em duas vezes. Mas não sofra por isso. Não sofra por enquanto. Você ainda precisa escolher os ovos.

Das crônicas

Da creche à casa de repouso, a crônica atravessa todas as ruas da cidade. E lambe pirulitos coloridos sob céus azuis-turquesa, e bebe cerveja entre amigos e moçoilas. Ao barulho do mar, à luz da lua. E flana, flana pelo centro e pela Avenida Atlântica (é sempre melhor que se esteja à beira-mar) com a maturidade etária de uma flor.

Reparem bem. As crônicas mais antológicas têm sempre uma espécie de puerilidade perdoável, mas quase constrangedora. Eu diria até: têm esse leve retardamento mental, que aliás é parte considerável de seu charme. Drummond, aquele poeta de profundezas, aquela má distribuição em si (e para o bem absoluto da poesia) de seda e péssimo, quando escrevia crônicas, era quase um gagá. Já repararam? E o Rubem Braga? Criançola; lírico, mas criançola (ou, nas palavras dele mesmo, um débil mental fiscalizando as estrelas). E quanto ao Fernando Sabino? Meio mentecapto. E o Paulo Mendes Campos? Pancada, coitado, olhando lírico os lírios do campo...

E é assim que deve ser, não? Uma crônica filosófica, teológica, jurisprudencial seria o mesmo que escrever poemas-piada numa petição ou num laudo médico. Cada coisa em seu lugar. E o lugar da coisa é a liberdade de uma conversa de bar. Não que se esteja bêbado. Não! Às vezes não se está nem bebendo. Está-se é quase gagá, criançola, meio mentecapto. É assim mesmo. Porque o cronista é um crônico. O pancada e lírico e contador de causos vai se entregando ao próprio deleite de não estar fazendo nada. A não ser escrevendo. E com todo o seu ócio conjurado.

Ociosidade. A ociosidade das estrelas. Dos vasos de gerânios. Dos vira-latas.

A ociosidade dos comentaristas e maledicentes da bocha e da biriba. Sem ociosidade — mesmo que haja prazos e chefes engravatados enchendo o saco —, sem ociosidade uma crônica vira um artigo. E um artigo querendo ser crônica pesa igual a um rinoceronte sobre o galho da cerejeira.

Pois então. É aí que chegamos a uma de suas características mais precípuas (que, aliás, é uma palavrola absolutamente estranha a uma boa crônica. Vai vendo...): leveza. Sem leveza, a crônica é meio que um corpo sem alma e meio que a alma sem corpo. Uma criança contando a última do Juninho está mais próxima do cronista do que um jornalista resenhando o livro premiado de Paulo Henriques Britto. Entende? Contar um caso, não chegar a conclusões peremptórias (outra daquelas palavrinhas...), dar enfim cinco minutinhos de alegria gratuita ao cara que depois lerá sobre ministérios, assassinatos e obras superfaturadas.

Taí. Uma crônica nunca é superfaturada. Há livros de poemas, contos, romances que o são, não há dúvida. Digo, obras superfaturadas. E às vezes elefantes brancos (a crônica, ao revés, é um passarinho multicolorido). Uma crônica, crônica mesmo, além de não precisar de licitações, jamais será superfaturada. Talvez cara (no sentido afetivo), mas superfaturada, jamais.

Portanto, respeitem — mas não muito! — o cronista. Não é fácil ser um lírico, um leve idiotazinho, um fofíssimo cretino por uma ou duas laudas. Exige ética. E a épica dos mais pequenos (melhor que menores). Camões, acreditem, está observando tudo. E nos pisca divertido — até ele, sim, amigos, até Camões — com o único olho que lhe resta.

Liana Timm

Conquista

há moitas e extermínios
no meio da madrugada
qualquer pingo d'água
me põe exausta

nas noites dos meus dias
já fui tudo
amada em meio aos lençóis da cama
acariciada dentro e fora
mexida por pouco
esvaziada

no meu agora
distraio negligente
a interrogação da hora

andando sobre águas rasas
deito na lama do rio
moldando novas formas
simplificadas



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



Margaret Atwood

Tradução de Bernardo Antônio Beledeli Perin

Poema originalmente publicados no livro *Two-Headed Poem* (1978).

A MULHER QUE NÃO CONSEGUIA VIVER COM SEU
CORAÇÃO DEFEITUOSO

Não digo sobre o símbolo
do amor, o doce formato
que decora os bolos,
o coração que se espera
pertencer ou quebrar;

digo desse carço de músculo
contraído como bíceps esfolado,
azul-violeta, com sua tez de sebo,
sua pele de fibra, este isolado,
este grotesco eremita, tartaruga
sem casca, este fôlego de sangue,
taça nunca cheia.

Todo coração flutua no próprio
oceano de profunda treva,
negrúmido e cintilando,
as quatro bocas haurindo como peixes.
Diz-se dos corações que batem:
isso é natural, a resistência
habitual de alguém sendo afogado.

Mas a maioria deles diz, quero, quero,
quero, quero. Meu coração
é mais dúbio,
mas não duplo como antes pensei.
Ele diz, quero, não quero, que-
ro, e então uma pausa.
Ele me força a escutar,

e à noite é o terceiro olho
infravermelho que segue aberto
enquanto os outros dois adormecem
mas recusa-se a contar o que vê.

É uma irritação constante
nos ouvidos, mariposa cativa, tambor coxo,
o primeiro chilique da criança
batendo-se nas molas do colchão:
quero, não quero.
Como alguém poderia viver com um coração assim?

Há muito desisti de cantar
para ele, que nunca será satisfeito ou placado.
Noite dessas irei lhe dizer:
Coração, parai,
e ele vai.

THE WOMAN WHO COULD NOT LIVE WITH HER
FAULTY HEART

I do not mean the symbol
of love, a candy shape
to decorate cakes with,
the heart that is supposed
to belong or break;

I mean this lump of muscle
that contracts like a flayed biceps,
purple-blue, with its skin of suet,
its skin of gristle, this isolate,
this caved hermit, unshelled
turtle, this one lungful of blood,
no happy plateful.

All hearts float in their own
deep oceans of no light,
wetblack and glimmering,
their four mouths gulping like fish.
Hearts are said to pound:
this is to be expected, the heart's
regular struggle against being drowned.

But most hearts say, I want, I want,
I want, I want. My heart
is more duplicitous,
though no twin as I once thought.
It says, I want, I don't want, I
want, and then a pause.
It forces me to listen,

and at night it is the infra-red
third eye that remains open
while the other two are sleeping
but refuses to say what it has seen.

It is a constant pestering
in my ears, a caught moth, limping drum,
a child's fist beating
itself against the bedsprings:
I want, I don't want.
How can one live with such a heart?

Long ago I gave up singing
to it, it will never be satisfied or lulled.
One night I will say to it:
Heart, be still,
and it will.

Guímel Bilac

Seattle

dizem que em Seattle,
 nos anos noventa chovia sete meses por ano
 por isso os acordes soavam sempre tristes
 mas agora ninguém vai escrever
 sobre a cor do luto
 [não a que conhecemos]

o filósofo e o poeta
 discutem
 [sob o efeito de três cervejas]
 se o amor romântico acabou
 e comparam o amor
 à construção das pontes
 e aos navios ancorados
 e às criptomoedas

enquanto contemplo isto
 digo que sou a água que caiu do céu
 correndo rente ao meio-fio.



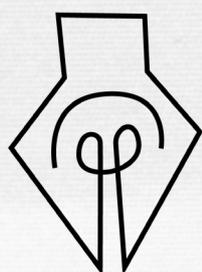
Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

Chocolate especial
do Jornal Relevo
(edição limitadíssima)

Chopp Maniacs™
& drinks diversos

O único
evento-catástrofe
imperdível de verdade

RELEVOFEST

7/10 — 14H

Um oferecimento





Ana Cristina Cesar

16 de junho

Decido escrever um romance. Personagens: a Grande Escritora de Grandes Olhos Pardos, mulher farpada e apaixonada. O fotógrafo feio e fino que me vê pronta e prosa de lápis comprido inventando a ilha perdida do prazer. O livrinho que sumiu atrás da estante que moravana parede do quarto que cabia no labirinto cego que o coelho pensante conhecia e conhecia e conhecia. Nessa altura eu tinha um quarto só para mim com janela de correr narcisos e era atacada de noite pela fome tenra que papai me deu.